

ESCAVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DO SÍTIO CASA SANTA, CARNAÚBA DOS DANTAS, RN

**Gabriela Martin
Cláudia Oliveira
Adrienne Costa
Demétrio Mutzenberg
Vivian Sena
Jaime Mendonça
Lucila Borges
Ricardo Pessoa
Carlos Rios
Lucileide Tavares
Marcela Valls**

Introdução

O Projeto Seridó: escavações arqueológicas e preservação dos sítios rupestres, coordenado pela Prof^a Dr^a Gabriela Martin Ávila, está sendo desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE, em convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e a Fundação Seridó, com sede em Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte, cujas metas principais são: a pesquisa básica em Arqueologia e a preservação dos sítios arqueológicos portadores de registros rupestres.

Além da pesquisa arqueológica, o Projeto tem como finalidade criar condições para minimizar os impactos da degradação dos sítios arqueológicos. Uma das ações propostas é a criação de espaços de interação entre as empresas parceiras e os programas de pesquisa do **Projeto Seridó**, com a finalidade de uma ação conjunta para a preservação do Patrimônio natural e cultural da região.

O Projeto está sendo implementado na área Arqueológica do Seridó¹, na região do Seridó, fronteira entre os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte (**Figura 01**). Essa região possui um importante patrimônio cultural pré-histórico, constituído especialmente de sítios arqueológicos portadores

de pinturas e gravuras rupestres, localizados sobretudo nos abrigos rochosos das serras.

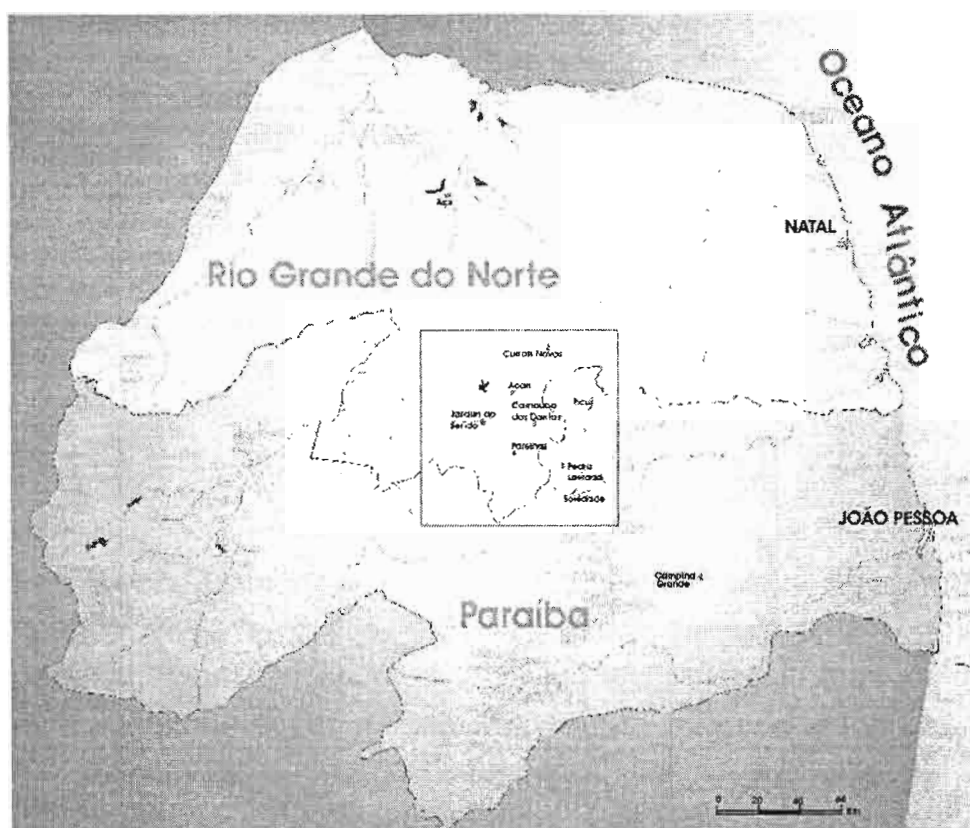


Figura 01: Área Arqueológica do Seridó.

Na área Arqueológica do Seridó, a maioria das pinturas rupestres pertence à Tradição Nordeste, subtradição Seridó. Esse conjunto pictural têm como característica uma quantidade relevante de representações figurativas com grande narratividade e diversidade de cenas.

A hipótese atual considera que essa prática gráfica teve origem na região do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, com posterior dispersão para o vale do Seridó, onde adquiriu características próprias configurando a subtradição Seridó.

Nas últimas décadas foram pesquisados os sítios arqueológicos da área nuclear da região do Seridó, constituída pelos municípios de Carnaúba dos Dantas (RN), Parelhas (RN), Acari (RN), Picuí (PB) e Pedra Lavrada (PB).

Em função do conjunto de registros rupestres, do estado de conservação das pinturas e gravuras e do tipo de acesso, foram escolhidos sete sítios para uma intervenção prioritária. Desses sítios, cinco apresentam painéis de pinturas da Tradição Nordeste: Casa Santa, Xique-Xique I, Xique-Xique II, Xique-Xique IV e Mirador de Parelhas. E dois sítios apresentam registros rupestres gravados: Cachoeira do Pedro e Cacimba das Cabras.

Nesse conjunto, o sítio arqueológico Casa Santa foi escolhido para ser escavado em virtude da importância de seu acervo pictural e por ter uma área com sedimentação que permitiria averiguar a existência de vestígios arqueológicos. Dentro dessa perspectiva, foram propostas intervenções, como a escavação e sondagens, que permitissem obter um contexto arqueológico e uma cronologia para as pinturas rupestres, assim como novas cronologias para o povoamento da área arqueológica do Seridó em períodos pré-históricos.

Contextualização Ambiental

Aspectos geomorfológicos, fisiográficos e climáticos

A região do Seridó está localizada entre os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, no Nordeste do Brasil. Geologicamente está situada sobre a Formação Serra dos Martins e o Grupo Seridó. A Formação Serra dos Martins, constituída no Terciário Inferior, é caracterizada por serras com mais de 500 m de altura e composta por arenitos estratificados e silicificados de coloração clara. O Grupo Seridó, composto pelas Formações Jucurutu, Equador e Seridó, de idade neoproterozóica, caracteriza-se pela composição de biotita-xisto ou muscovita-biotita-xisto e quartzitos com a ocorrência de diques de pegmatito.

Geologicamente, a região se insere no domínio do Planalto da Borborema, no qual predomina o relevo fortemente ondulado e constituído por serras ou conjuntos de morros com encostas abruptas cujas altitudes variam entre 350 m a 750 m, e da Depressão Sertaneja, que é uma região rebaixada com relevo ondulado, apresentando colinas achatadas e vales em forma de V e U, com a altitude variando de 50 m e 350 m com a ocorrência de inselbergues. Os seus limites, em sua maior extensão, são demarcadas por grandes elevações que fazem parte das ramificações e contra-fortes do Planalto da Borborema.

A área estudada localiza-se na sub-bacia tributária do rio Seridó, composta pelos rios Carnaúba e Acauã, pertencentes ao Sistema Hidrográfico Piranhas-Açu. A litologia apresenta um forte controle sobre a drenagem, que apresenta diferentes padrões na região: drenagem ramificada em áreas xistosas e um padrão disperso de drenagem em áreas gnáissicas. Além da litologia, falhas e fraturas também são condicionantes para a disposição dos padrões de drenagem, ocorrendo na área padrões fluviais retilínios, radiais e retangulares por fraturas em áreas graníticas.

Na região há um predomínio de Luvisolos Crômicos de fase pedregosa. Estes solos ocorrem nas áreas mais rebaixadas, onde o relevo é suave ondulado. São solos rasos e bastante susceptíveis à erosão, apresentando pedregosidade na parte superficial, com baixo teor de matéria orgânica.

O clima, na classificação de Köppen é caracterizado como BShw'. É um clima quente e seco, característico de regiões semi-áridas, nas quais as estações chuvosas atrasam para o outono. A temperatura média da área situa-se em torno 27,5º C e a precipitação pluviométrica anual média gira em torno de 450 mm.

Características da vegetação

A formação vegetal de ocorrência é a caatinga, único ecossistema exclusivamente brasileiro, atualmente num processo de degradação intensa.

A desertificação atinge, atualmente, 15% da caatinga, e na região do Seridó constitui o segundo ecossistema mais degradado após a mata atlântica.

É uma formação lenhosa, caducifolia, com plantas espinhosas, engalamento baixo, com predominância de cactáceas, bromeliáceas e leguminosas. A caatinga do Seridó é classificada como hiperxerófila e sub-desértica “Seridó”, apresentando-se mais seca, de aspecto arbustivo aberto e com presença abundante de cactáceas.

Há predominância das famílias *Bignoniaceae*, *Euphorbiaceae*, *Leguminosae*, *Cactaceae* e *Bromeliaceae*. Os exemplares botânicos anotados durante a campanha foram às cactáceas: coroa de frade (*Melocactus bahiensis*), gogóia (*Opuntia inamoena*), xique-xique (*Cephalocereus gounellei*), mandacaru (*Cereus jamacaru*) e palma (*Opuntia ficusindica*); a bromeliácea macambira (*Bromelia laciniosa*) e as árvores angico (*Piptadenia sp*), cajueiro (*Anacardium sp*), catingueiro (*Caesalpinia sp*), faveleiro (*Jatropha sp*), juazeiro (*Zizyphus joazeiro*), jurema (*Pithecolobium sp*), marmeleiro (*Amajona sp*), pau-pedra (*Caesalpinia sp*), umburana (*Bursera lieptophleos*) e umbuzeiro (*Spondia sp*).

As espécies mais encontradas no Seridó são: pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*), faveleiro (*Jatropha sp*), facheiro (*Pilosocereus piauhinensis*), macambira (*Bromelia laciniosa*), mandacaru (*Cereus jamacaru*), xique-xique (*Cephalocereus gounellei*) e jurema-preta (*Mimosa hostilis*).

Características da fauna

A região do Seridó apresenta uma grande variedade de espécies animais. A maior parte dessas espécies de hábitos sazonais é formada principalmente de animais de pequeno porte e hábitos noturnos. A prática da caça predatória, os desmatamentos e as queimadas provocam a escassez de algumas espécies animais prejudicando o equilíbrio da biodiversidade na área.

Os mamíferos característicos dessa área são a raposa (*Dusicyon sp*), o gato-maracajá (*Felis pardalis*), o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), o tatu-verdadeiro (*Dasypus novemcinctus*), o mocó (*Kerodon sp*), os morcegos (*Quireóptera*), entre outros. O mocó é o único mamífero endêmico do bioma caatinga. Essa espécie vive nas fendas das rochas e lajedos, nos boqueirões e serras da região, preservando-se do calor e dos predadores.

As aves mais comuns na região são seriemas (*Cariama sp*), chupa-mangas (*Coereba sp*), casacas-de-couro (*Pseudoseirura sp.*), maria-farinha (*Myrmochilus sp.*), beija-flor (*Clorosbilbon sp.*), nambu (*Crypturellus sp*), gavião (*Polybones sp*), asa branca (*Columba sp*) e anu preto (*Crotopaga sp*).

Existem diversas espécies de anfíbios, mas nenhuma delas é endêmica. Os répteis possuem várias espécies registradas, com algumas restritas ou endêmicas da caatinga. Os lagartos representam a maioria das espécies de répteis observadas no local.

A reduzida riqueza de espécies de peixes em relação aos outros ecossistemas é explicada por fatores ecológicos, mudanças climáticas e ação antrópica. Algumas espécies estão na lista de extinção do Ministério do Meio Ambiente, seis são da família dos Rivulídeos, um bagre da família Pimemodidae e outro da família Trichomycteridae.

Durante os trabalhos de campo, o levantamento realizado junto à população local, indicou a existência de mocós (*Kerodon sp*), tatus-peba (*Euphractus sexcinctus*), raposas (*Dusicyon sp.*) e tamanduás (*Tamanduá tetradactyla*), além de várias espécies de morcegos (*Quireóptera*). Quanto às aves, foram observadas seriemas (*Cariama sp*), maracanãs (*Aratinga sp*), chupa-mangas (*Coereba sp.*), casacas-de-couro (*Pseudoseirura sp.*), titio (*Zonotrichio sp*), maria-farinha (*Myrmochilus sp.*), quero-quero (*Vanelus sp*), beija-flor (*Clorosbilbon sp.*), can-can (*Tavara sp*), nambu (*Crypturellus sp*), gavião (*Polybones sp*), asa branca (*Columba sp*), caldo-de-feijão (*Columbina sp*), anu preto (*Crotopaga sp*), anu branco (*Guiva sp*), sabiá-de-praia (*Nimus sp*) e

pardal (*Passer sp*). Os invertebrados encontrados foram arapuã (*Trigona sp*), abelha italiana (*Apis sp*), marimbondo (*Polister sp*), centopéias (*Geophilomorfa*), aranhas (*Aranea*), cupins (*Isoptera*), moscas (*Brachicera*) e besouros (*Coleoptera*).

O Sítio Arqueológico Casa Santa

Localização e meio-físico

O abrigo sob-rocha “Casa Santa”, situa-se a 460m acima do nível do mar, próximo ao riacho temporário do Bojo, afluente do rio Carnaúba, tributário do Seridó. Dista, cerca de 11 km do centro da cidade de Carnaúba dos Dantas e situa-se num ambiente de caatinga fechada. Possui 2,62 m de altura, 5,42 m de largura, no ponto mais profundo, e 34,35 m de comprimento (**Figura 02**).



Figura 02: Vista geral do sítio Casa Santa.

Em termos geológicos o sítio é um abrigo sob rocha metamórfica de formação de quartzito, com áreas de bancos de areia puros e bancos de areia impuros (presença de mica – argila), que sofreu ação de intemperismo físico-químico

(eólico/aquático), onde ocorreu fraturamento da rocha com laminação horizontal.

No paredão rochoso do abrigo há áreas que sofreram forte intemperismo, principalmente nas proximidades das pinturas, onde existem grandes fraturas com infiltração de água e áreas de deslocamento.

Os grafismos rupestres

No sítio Casa Santa, a grande maioria dos registros rupestres, pertence à Tradição Nordeste, subtradição Seridó. Os grafismos estão localizados em várias partes do suporte rochoso, estendendo-se de um lado a outro do abrigo. As representações antropomórficas constituem-se no grupo com maior número de grafismos, vindo em seguida os zoomorfos e depois os grafismos não reconhecíveis², existindo também figuras fitomorfas. Em sua maioria, os grafismos encontram-se na cor vermelha, em diferentes tonalidades. No setor de maior concentração de pinturas há também a presença de grafismos na cor branca e áreas de sobreposições de grafismos. (**Figura 03**).

O atual estado das pinturas requer ações urgentes de conservação. Há setores onde se verificam marcas da passagem da água pela parede do abrigo em períodos chuvosos, gerando pontos de infiltração localizados. A precipitação de sais é responsável por parte do encobrimento das pinturas. Há ainda a presença dos insetos que constroem seus ninhos nas paredes do abrigo, danificando e encobrindo as pinturas, além de outros danos causados por bioturbações. (**Figura 04**).

Escavação Arqueológica

Metodologia da pesquisa

As áreas a serem escavadas nesse sítio foram definidas a partir de um plano topográfico de quadriculamento alfanumérico, composto de quadriculas de 1 m². As áreas selecionadas foram: Área I, composta pelas quadriculas E3, E4, F3, F4, G3, G4; Área II, composta pelas quadriculas D16, E16, E17, F17, F20, F21, G20 e G21 e a Área III, constituída por uma trincheira, medindo 5 X 1 m, no lado externo do abrigo com as quadriculas A, B, C, D, E e F (**Figura 05**).

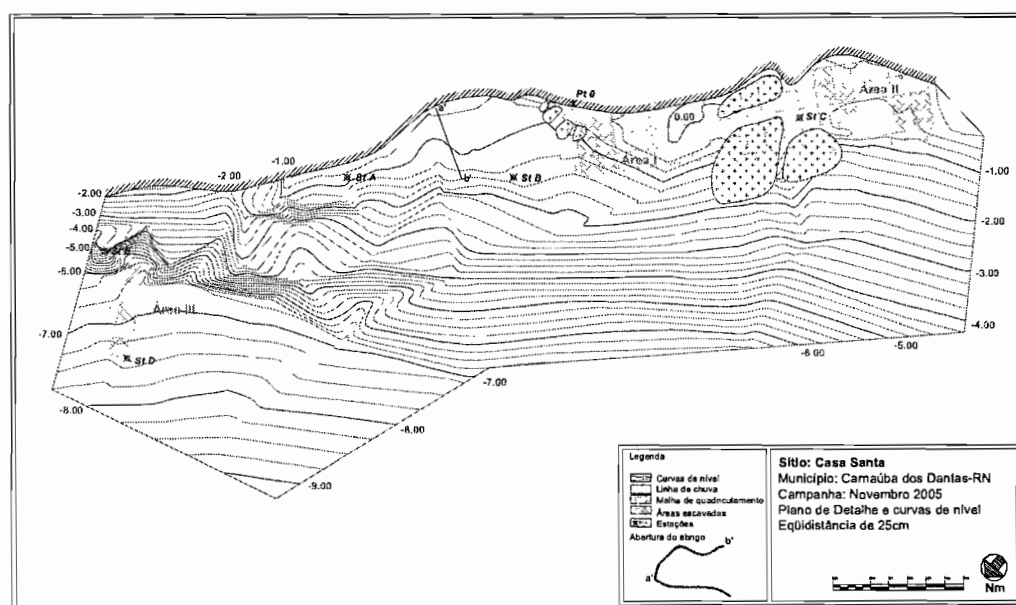


Figura 05: Topografia do sítio Casa Santa.

A Área I situou-se logo abaixo do painel com maior concentração de pinturas, sendo este um dos motivos de sua escolha para iniciar a escavação. Esta área apresentava uma grande concentração de blocos caídos do próprio abrigo, em sua maioria assentados por um processo natural, observado a partir do posicionamento da estrutura planar da rocha do abrigo. A área foi escolhida pela presença de sedimentação, pela proximidade

do painel de pinturas, além de configurar a área de maior proteção do abrigo.

A Área II foi delimitada na porção sul do abrigo, sendo escolhida em função do maior acúmulo sedimentar e pela possibilidade da existência de vestígios contextualizados cronoestratigraficamente. Contudo, parte desta área possui uma declividade pela qual ocorre escoamento de águas pluviais e em consequência o deslocamento dos vestígios arqueológicos.

A Área III foi escolhida em função da sedimentação relacionada com uma parte da base do abrigo, que poderia ter sido utilizada para atividades de grupos humanos em períodos pré-históricos. Essa área apresentava-se com um maior grau de preservação em relação às Áreas I e II, nas quais eram perceptíveis várias marcas de escoamento da água.

Levantamento e análise dos vestígios

Área I

Na Área I observou-se, na superfície, uma grande concentração de blocos caídos da própria parede do abrigo. Esses blocos contribuíram para a acumulação e consolidação do sedimento no local (**Figuras 06 e 07**).

No nível 1³ foram observados vestígios de carvão esparsos e alguns fragmentos de rocha com manchas em tonalidades de vermelho, as quais foram associadas inicialmente a restos de pigmento utilizado na confecção das pinturas. Nesse mesmo nível foi evidenciada uma estrutura de fogueira, com blocos arrumados em semicírculo e uma concentração de carvões e cinzas em seu interior (**Figuras 08 e 09**). Entre os níveis 1 e 2, foram coletadas amostras de carvão com sedimento, além de fragmentos de ocre.

Na base da estrutura de fogueira, no nível 2, havia vários blocos dos quais um apresentou vestígios do negativo da fogueira e traços de uma possível

pigmentação. Após a retirada dos blocos do nível 2 não houve continuidade dos vestígios da estrutura de fogueira, nem de outros vestígios de ocupação humana (**Figuras 10 e 11**). No nível 3 chegou-se a rocha matriz, finalizando os trabalhos nessa área.



Figura 06: Área I do sítio Casa Santa.



Figura 07: Superfície da Área I do sítio Casa Santa.

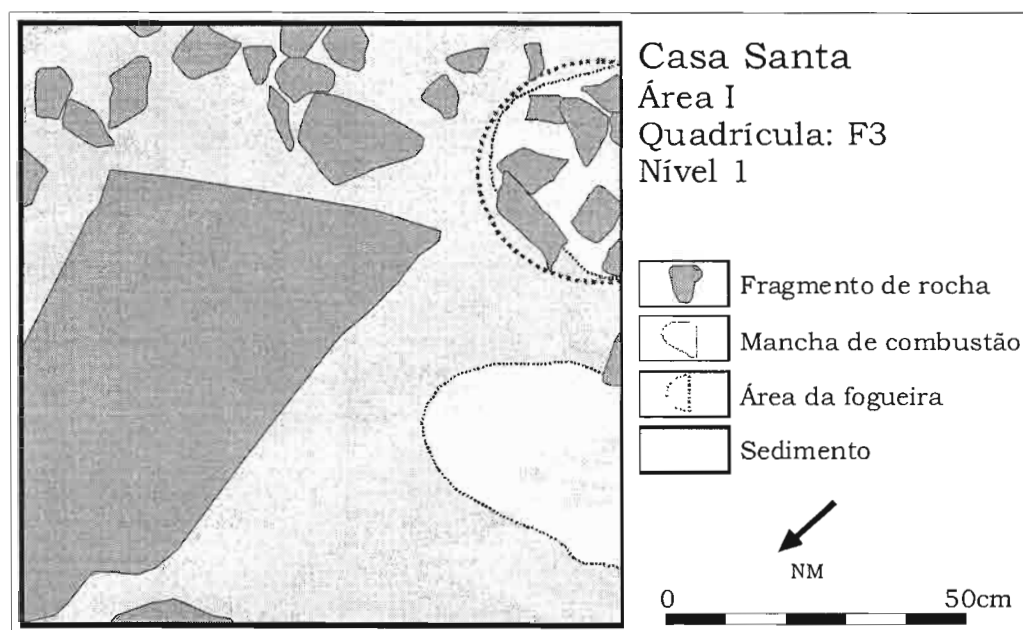


Figura 08: Área I, quadrícula F4, nível 1. Desenho da estrutura da fogueira.



Figura 09: Área I, quadrícula F4. Detalhe da área da fogueira, nível 1 - 2.

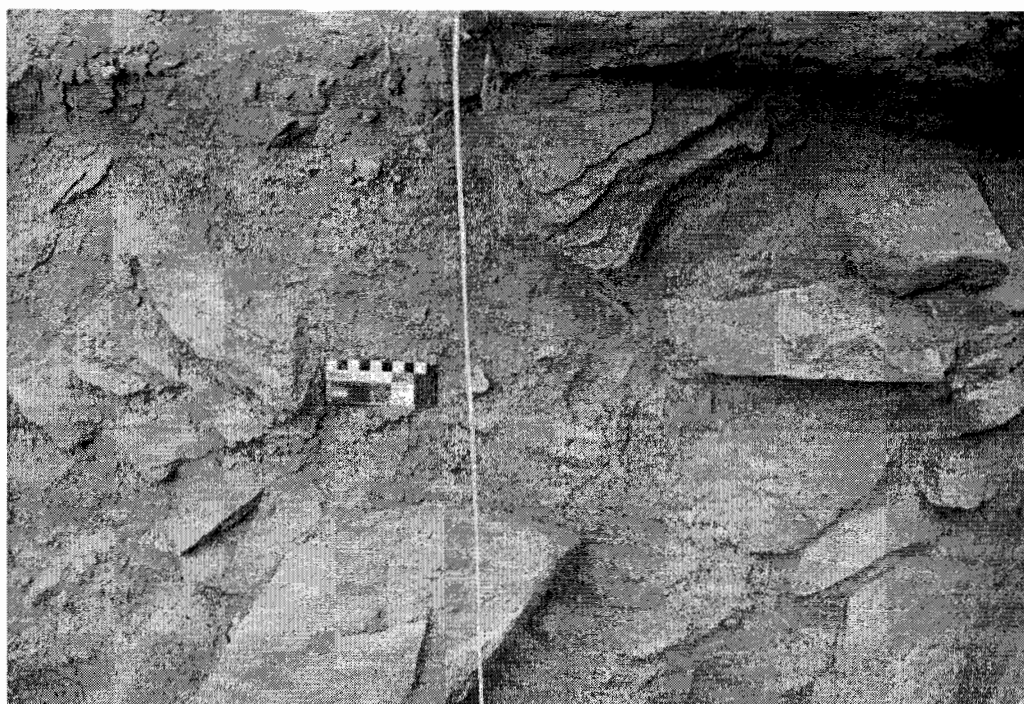


Figura 10: Área I, quadrículas F3 e F4, nível 2. Base da fogueira.

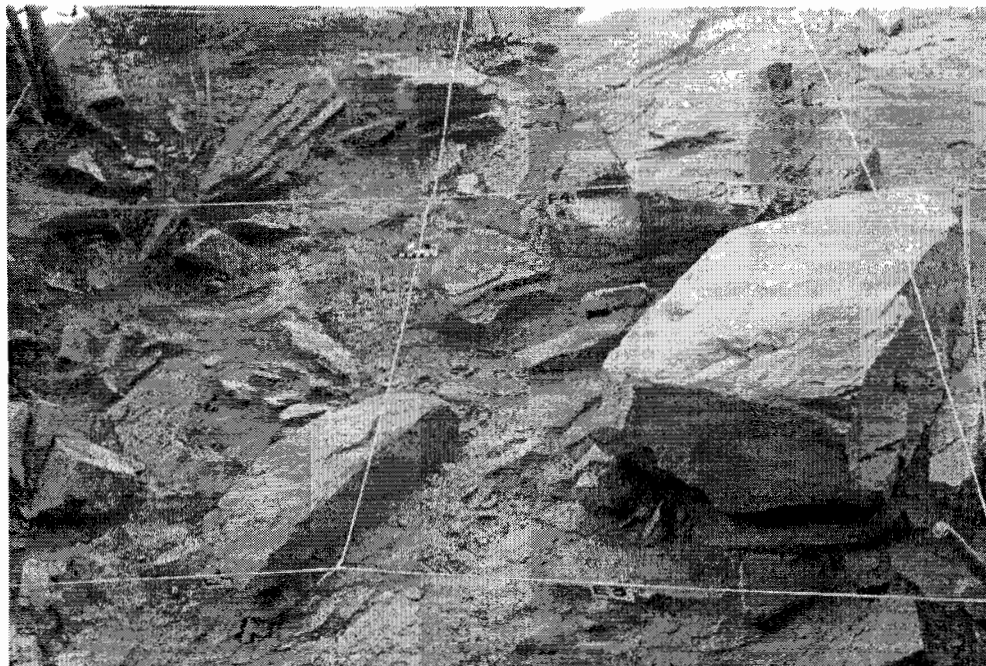


Figura 11: Área I, quadriculas F3, F4, G3 e G4, nível 2. Base da fogueira.

Área II

Na Área II (**Figura 12**) verificou-se a presença de vários fragmentos de ocre e material lítico, nos níveis 2, 3 e 4 (**Figuras 13, 14 e 15**), com predominância de lascas de debitage de quartzo, quartzito e silexito. Em toda a área verificou-se uma grande quantidade de blocos caídos da parede do abrigo, assim como uma grande quantidade de fragmentos de quartzo (**Figura 16**).

No nível 5, foi constatada a presença de sedimento compactado com fragmentos de carvões esparsos, contudo não se identificou evidências de estrutura de fogueira. Provavelmente a disposição de um bloco que se desprende do abrigo favoreceu a deposição de material carreado de outras áreas. O sedimento nesse nível apresentou-se bem compactado, indicando que no local houve uma intensa passagem d'água.



Figura 12: Área II, quadriculas E17, F20, F21, G20, G21, superfície.

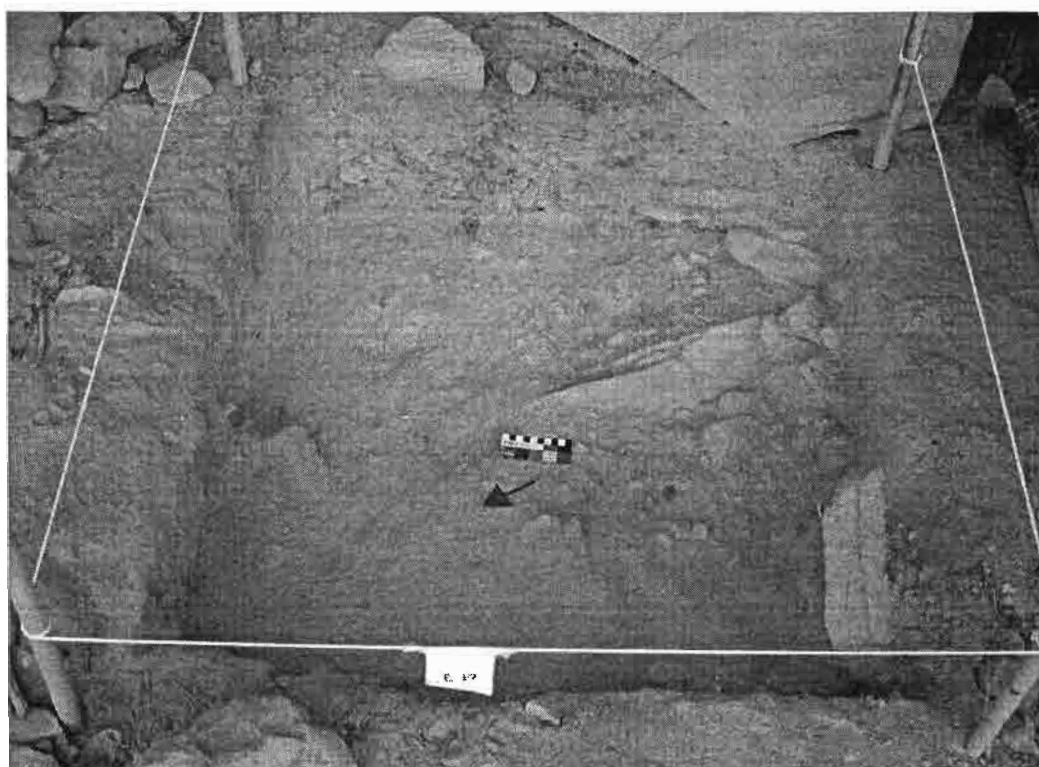


Figura 13: Área II, quadricula E17, nível 2. Material lítico e ocre.

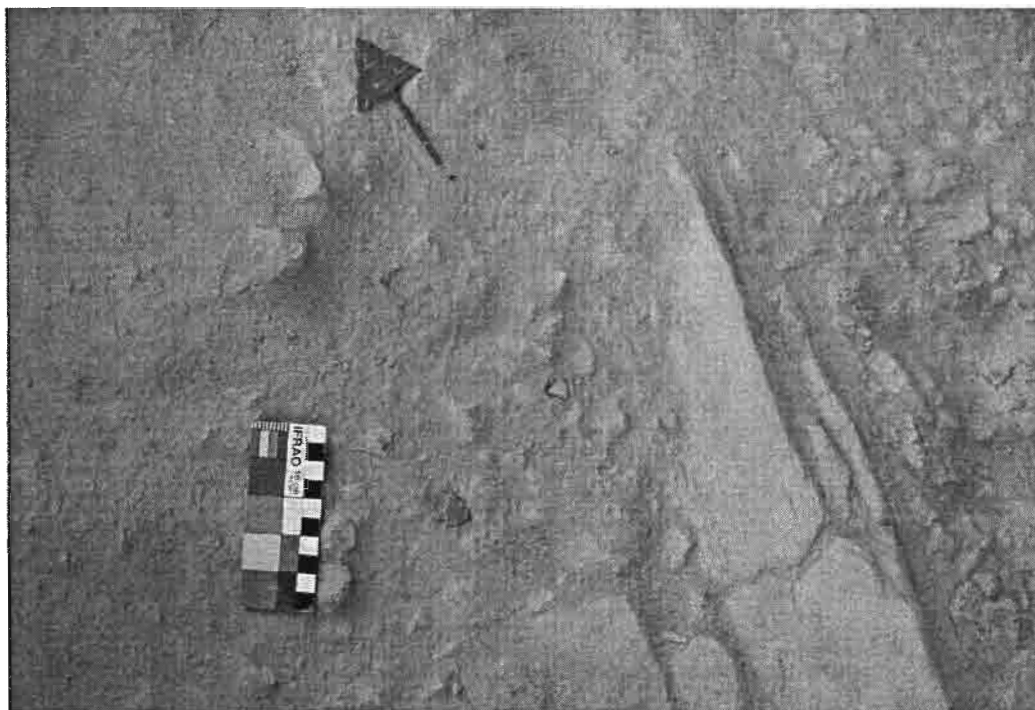


Figura 14: Área II, cuadrícula E17, nível 2. Lasca de sílexito.



Figura 15: Área II, cuadrícula E17, nível 2. Ocre.

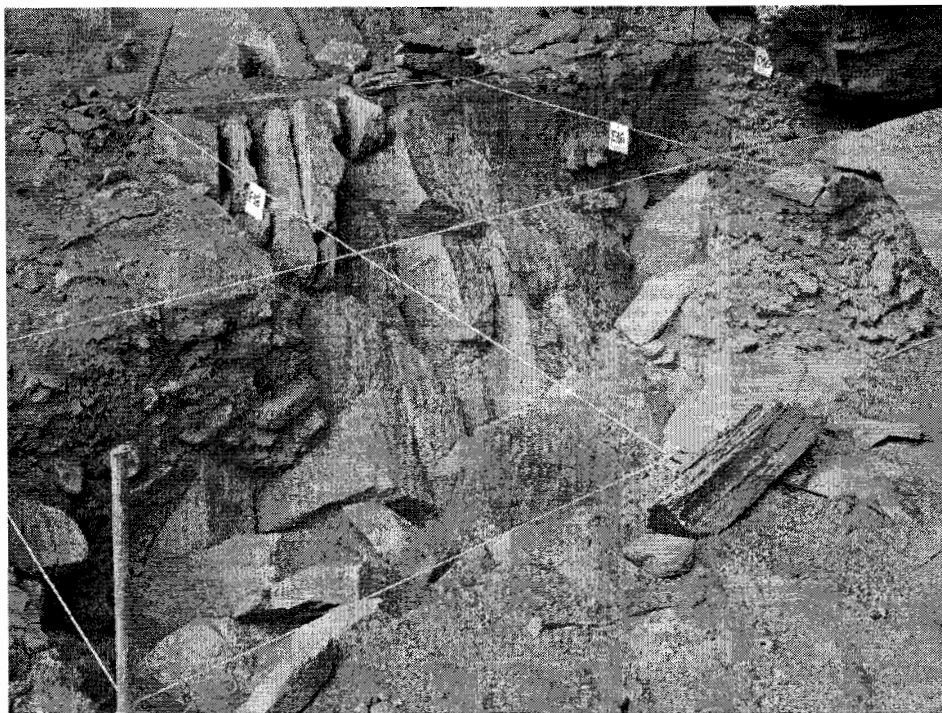


Figura 16: Área II, quadriculas D16, E16, E17 e F17, nível 4. Perfil NE.

Área III

Na Área III (**Figura 17**) o material encontrado constituiu-se de fragmentos de carvão, entre os níveis artificiais 4 e 6, contudo não houve evidência de estrutura de fogueira. Os fragmentos de carvão formavam um bloco de concreção junto com o sedimento, indicando que a concentração ocorreu devido à ação da água. Foram também encontrados alguns fragmentos de ocre. A ausência de vestígios arqueológicos nessa área pode ter sido ocasionada pela perturbação da estratigrafia causada pela grande quantidade de raízes e de blocos provenientes da parede do abrigo (**Figura 18**).

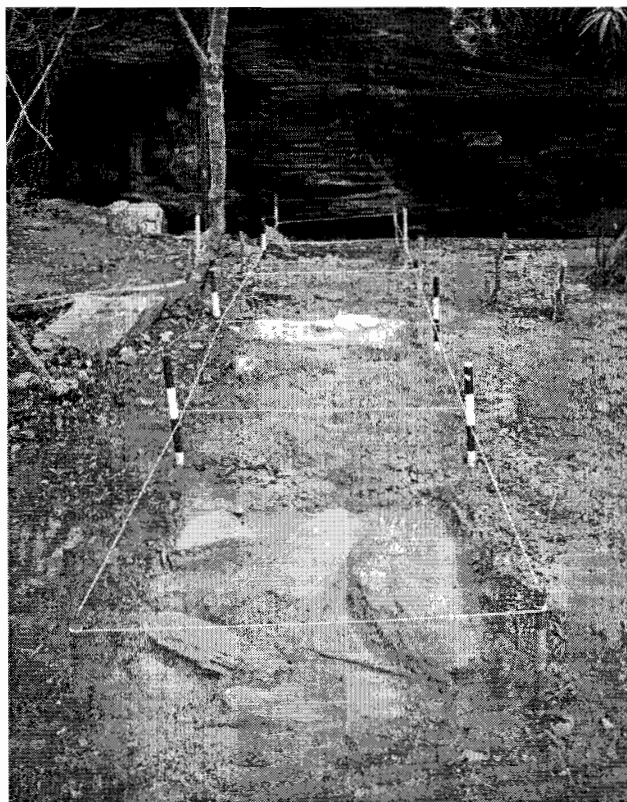


Figura 17: Área III, quadriculas F, D e B, nível 1. Vista Geral.

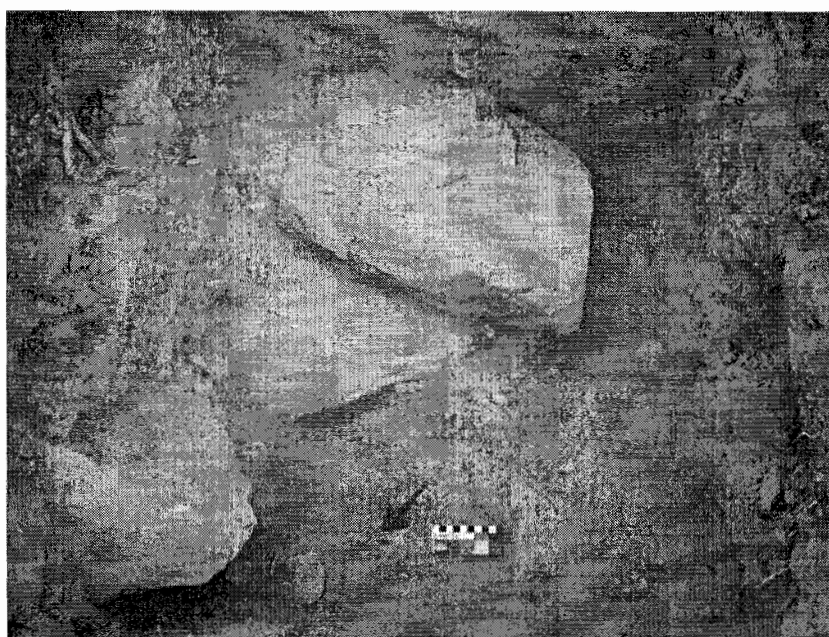


Figura 18: Área III, quadricula F, nível 5.

Análises e Resultados

Os resultados das análises realizadas não forneceram dados suficientes para a confirmação da hipótese acerca da presença de traços de pigmento das pinturas rupestres nos blocos de quartzito relacionados à estrutura de fogueira encontrada na Área I. As lâminas petrográficas e a difratometria por Raios-X demonstraram que a coloração observada pode ser produto da oxidação do quartzo, principal mineral constituinte da rocha (quartzito) formadora do abrigo.⁴

Foram analisadas as amostras CS32, CS38 e CS52. A amostra CS32, constituída de um fragmento de ocre coletado entre os níveis artificiais 1 e 2 no entorno da estrutura de fogueira, apresentou uma grande concentração de goethita (resultante da alteração da magnetita), evidenciada na difratometria por Raios-X (**Figura 19**).

As amostras CS38 e CS52 foram analisadas com a intenção de diagnosticar as manchas avermelhadas observadas em fragmentos de blocos de quartzito encontrados no entorno da fogueira. Na amostra CS38 tentou-se identificar a presença de goethita, mas a difratometria por Raios-X só permitiu identificar os principais constituintes da rocha: quartzo e muscovita (**Figura 20**). A amostra CS52 confirmou a presença dos minerais de quartzo e muscovita em lâmina petrográfica (**Figura 21**). As manchas vermelhas encontradas nos blocos de quartzito são cristais de quartzo oxidados e podem também ser o resultado da alteração da magnetita, uma vez que a análise petrográfica identificou a presença desse mineral (**Figura 22**).

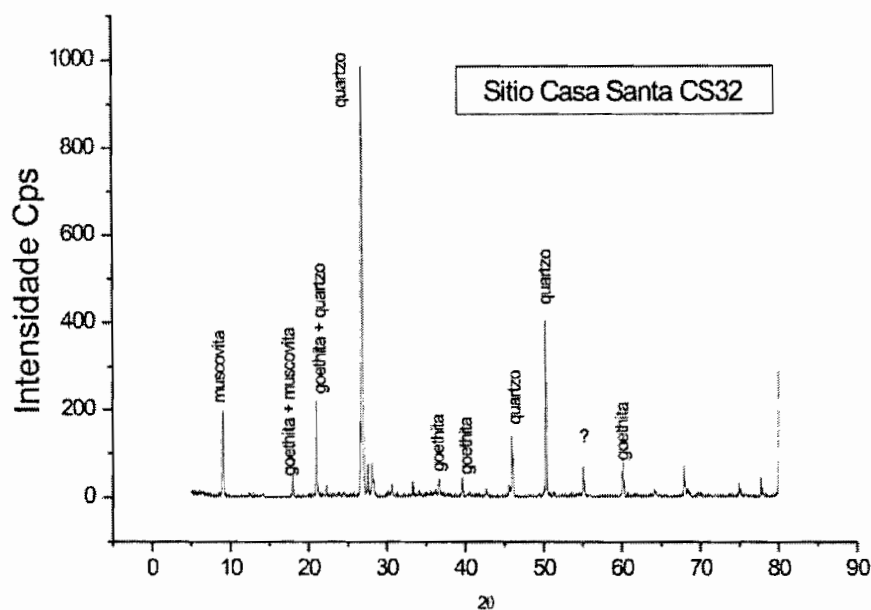


Figura 19: Difratograma da amostra CS32 (ocre) mostrando a presença de quartzo, muscovita e goethita.

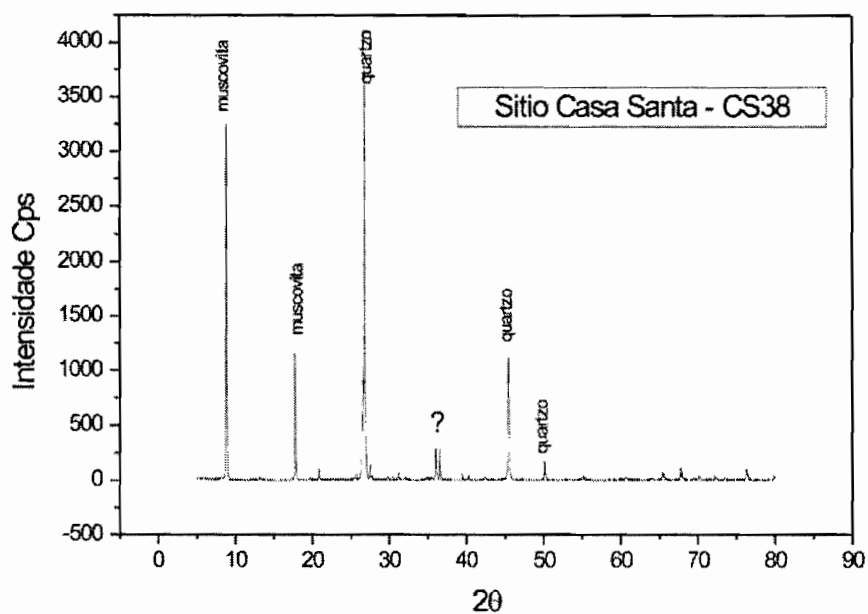


Figura 20: Difratograma da amostra CS38, mostrando a presença de quartzo e muscovita.



Figura 21: Composição mineralógica do quartzito Equador (quartzo, muscovita e microclina). Amostra CS52- NX - 10X.

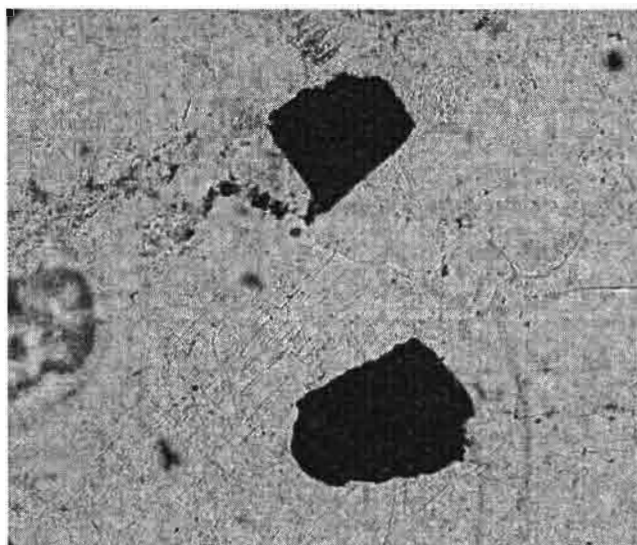


Figura 22 - Mineral opaco, com formas características do sistema isométrico, magnético, portanto magnetita, óxido de ferro. Amostra CS52, NX - 40X.

Nesse sítio foi encontrado um conjunto de 31 peças líticas(**Figura 23**). Para seu estudo utilizou-se a metodologia adotada por Parenti (1992). Os vestígios líticos tiveram maior predominância entre os níveis 2 e 3 da Área II do abrigo(**Figura 24**).

Material Lítico do Sítio Casa Santa

Nº	Descrição	Percussão	Material	Nível	Quadricula
21	Lasca de Façonagem		Silexito	2	E17
42	Lasca de Façonagem		Silexito	*	E17
55-1	Estilha		Silexito	2	D16
55-2	Lasca de Retoque		Silexito	2	D16
55-3	Fragmento		Quartzito	2	D16
55-4	Fragmento mesial de lasca retocada		Silexito	2	D16
55-5	Lasca retocada com entalhe	Bipolar	Silexito	2	D16
66-1	Fragmento		Silexito	3	E16
66-2	Fragmento		Silexito	3	E16
66-3	Lasca	Bipolar	Silexito	3	E16
66-4	Fragmento		Silexito	3	E16
66-5	Fragmento		Silexito	3	E16
66-6	Lasca de Façonagem		Silexito	3	E16
66-7	Fragmento		Silexito	3	E16
66-8	Fragmento		Silexito	3	E16
66-9	Fragmento		Silexito	3	E16
68-1	Fragmento		Silexito	3	F17
68-2	Fragmento		Silexito	3	F17
68-3	Lasca de Façonagem	Dura	Silexito	3	F17
68-4	Lasca de Façonagem	Dura	Silexito	3	F17
68-5	Entalhe	Dura	Silexito	3	F17
19	Seixo Lascado Unifacial		Quartzo	2	E17
28	Fragmento Bipolar		Quartzo	2	E17
57-3	Bico	Bipolar	Quartzo	2	F17
58-2	Fragmento proximal de lasca	Dura	Quartzo hialino	2	D16
66-10	Lasca de Retoque		Silexito	3	E16
66-11	Lasca de Façonagem		Silexito	3	E16
71	Lasca de Retoque		Silexito	3	E16
74	Lasca de Debitagem	Bipolar	Silexito	*	D16
51-1	Entalhe		Silexito	4	E17
52-2	Lasca de Debitagem		Quartzo hialino	4	E17

Figura 23: Tabela do material lítico do Sítio Arqueológico Casa Santa.

O silexito, exógeno à área do sítio, constituiu-se na matéria-prima de maior predominância utilizada no processo de produção dos artefatos. As outras matérias primas, constituídas de quartzo e quartzito, podem ser encontradas no entorno do sítio (**Figura 25**).

Na classificação tipológica da indústria lítica foi observada uma predominância de lascas e fragmentos líticos (**Figura 26**). Este conjunto pode indicar a utilização da área próxima ao abrigo para a confecção de artefatos, já que tais vestígios são provenientes do processo de lascamento. Foram identificados três artefatos: dois entalhes e um bico⁵ (**Figuras 27 a 41**).

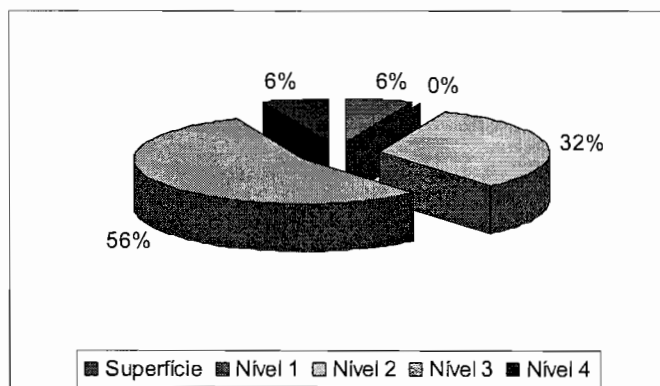


Figura 24: Frequência de material lítico por nível artificial.

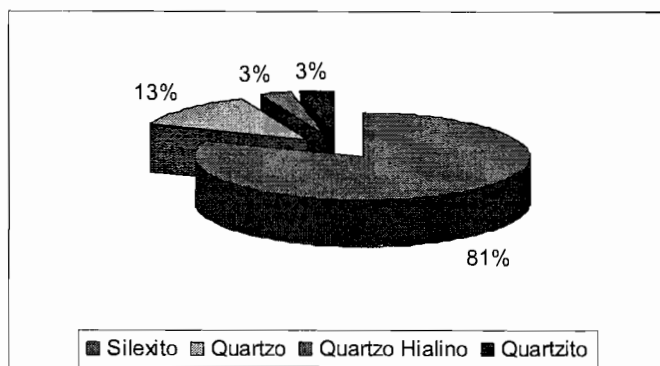


Figura 25: Frequência da matéria prima utilizada na confecção dos materiais líticos.

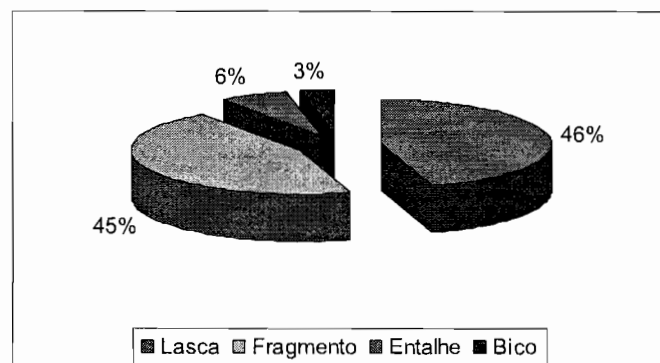


Figura 26: Classificação tipológica do material lítico.

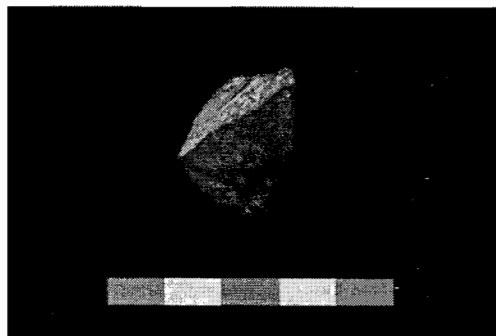


Figura 27: Entalhe em sílexito. CS-51.1.

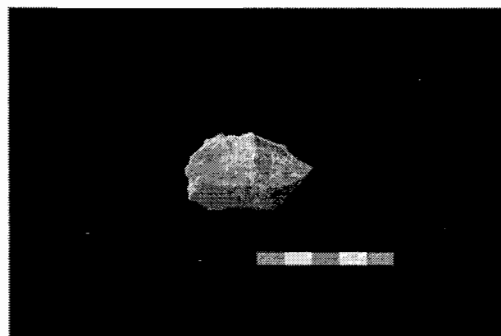


Figura 28: Entalhe em sílexito. CS-58.5.

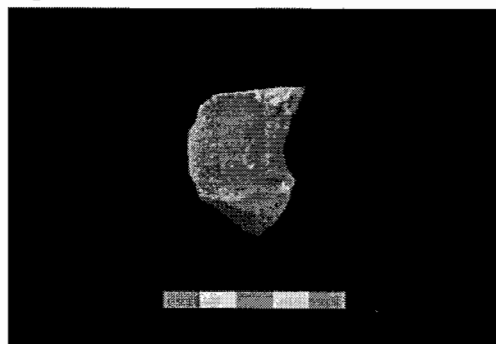


Figura 29: Lasca de debitage em sílexito. CS-74.

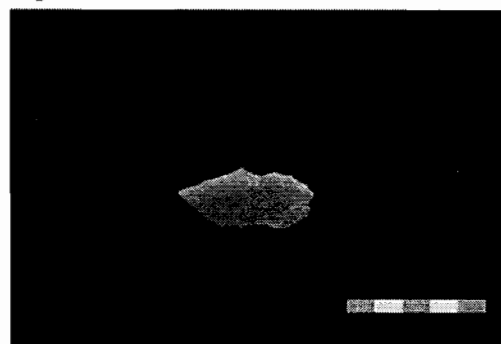


Figura 30: Lasca de debitage em sílexito. CS-74.

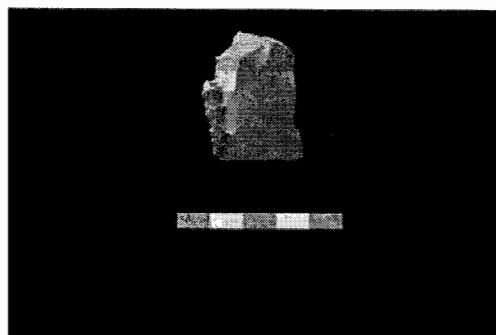


Figura 31: Lasca retocada com entalhe em sílexito. CS-55.5.

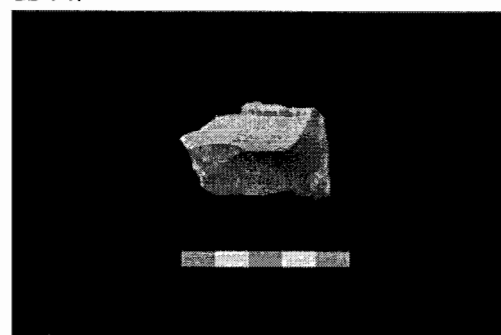


Figura 32: Lasca retocada com entalhe em sílexito. CS-55.5.

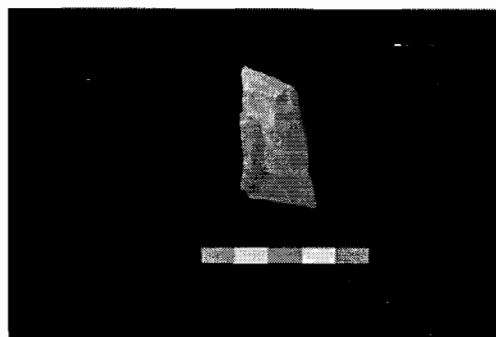


Figura 33: Lasca retocada com entalhe em sílexito. CS-55.5.

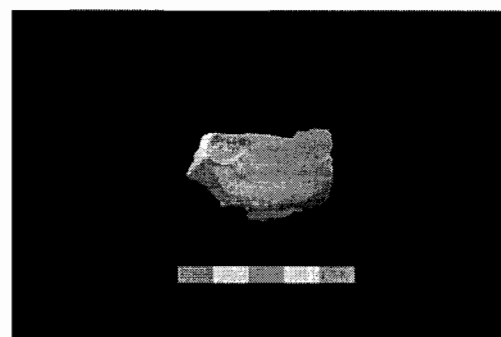


Figura 34: Lasca retocada com entalhe em sílexito. CS-55.5.

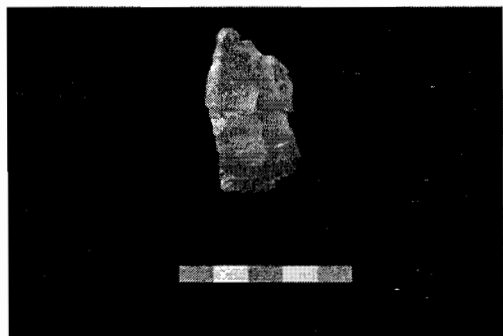


Figura 35: Lascas de façomagem em sílexito. CS-68.3 e 68.4.

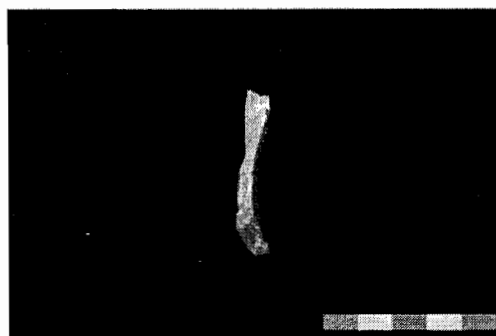


Figura 36: Lascas de façomagem em sílexito. CS-68.3 e 68.4.

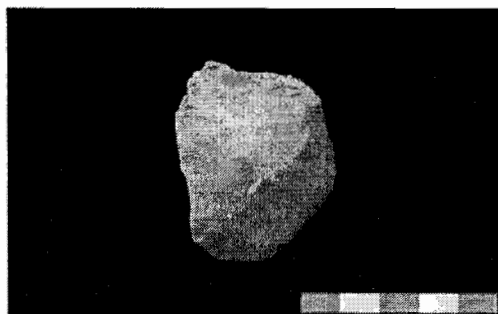


Figura 37: Fragmento proximal de lasca em quartzo hialino. CS-58.2.

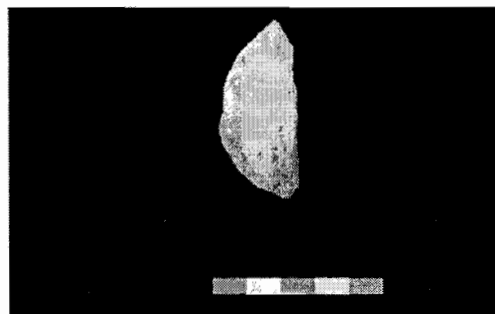


Figura 38: Fragmento proximal de lasca em quartzo hialino. CS-58.2.

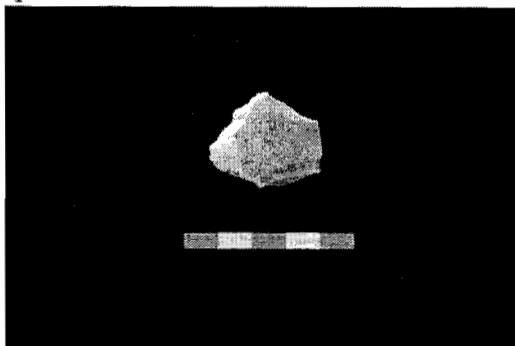


Figura 39: Fragmento mesial de lasca retocada em sílexito. CS-55.4.

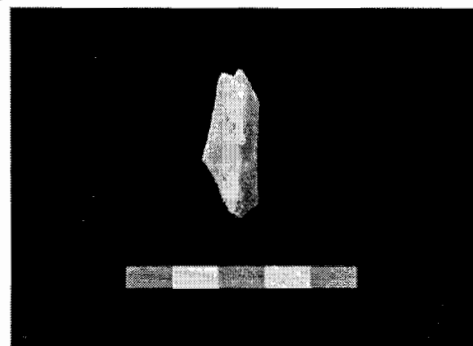


Figura 40: Fragmento mesial de lasca retocada em sílexito. CS-55.4.

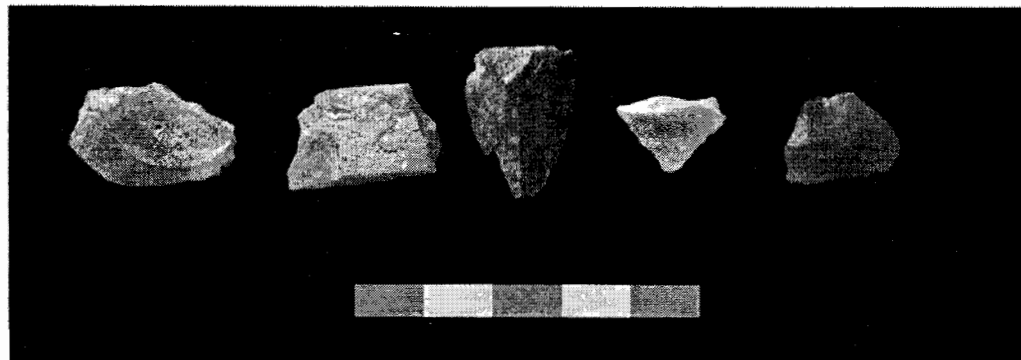


Figura 41: Estilhas e Fragmentos. CS-51.2, CS-55.3, CS-68.2, CS-68.1, CS-55.2.

Prospecção Arqueológica

Durante a campanha do Seridó foi realizada uma prospecção arqueológica no município de Carnaúba dos Dantas, com a finalidade de encontrar novos sítios com registros rupestres da Tradição Nordeste.

Foram localizados, fotografados e referenciados com GPS dois sítios: o sítio Marmeleiro e o sítio Toca do Tatu (**Figura 42**).

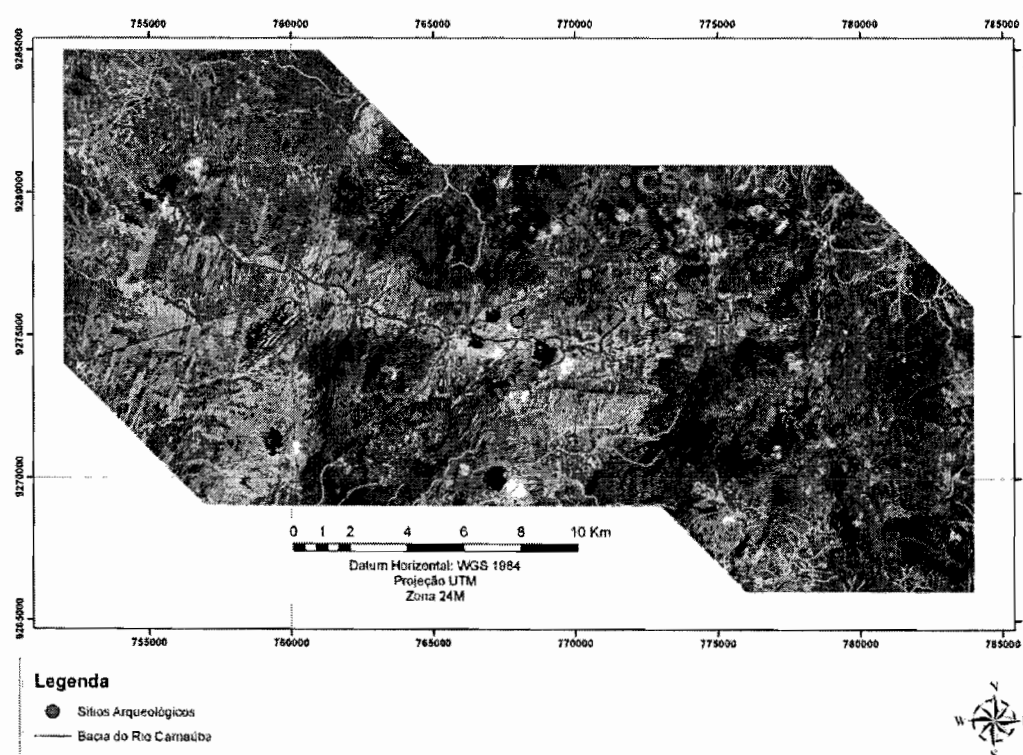


Figura 42: Localização dos Sítios Arqueológicos. CS-Casa Santa, TT-Toca do Tatu, TM-Toca do Marmeleiro.

O sítio Marmeleiro é um abrigo sob rocha e está situado nas coordenadas geográficas $06^{\circ} 32' 55,2''$ S e $36^{\circ} 34' 37,1''$ W (**Figura 43**). As pinturas rupestres existentes no abrigo encontram-se bastantes deterioradas. É possível verificar a presença de vestígios de pinturas na cor vermelha, com características da Tradição Nordeste (**Figura 44**).



Figura 43: Vista geral do sítio Marmeleiro.

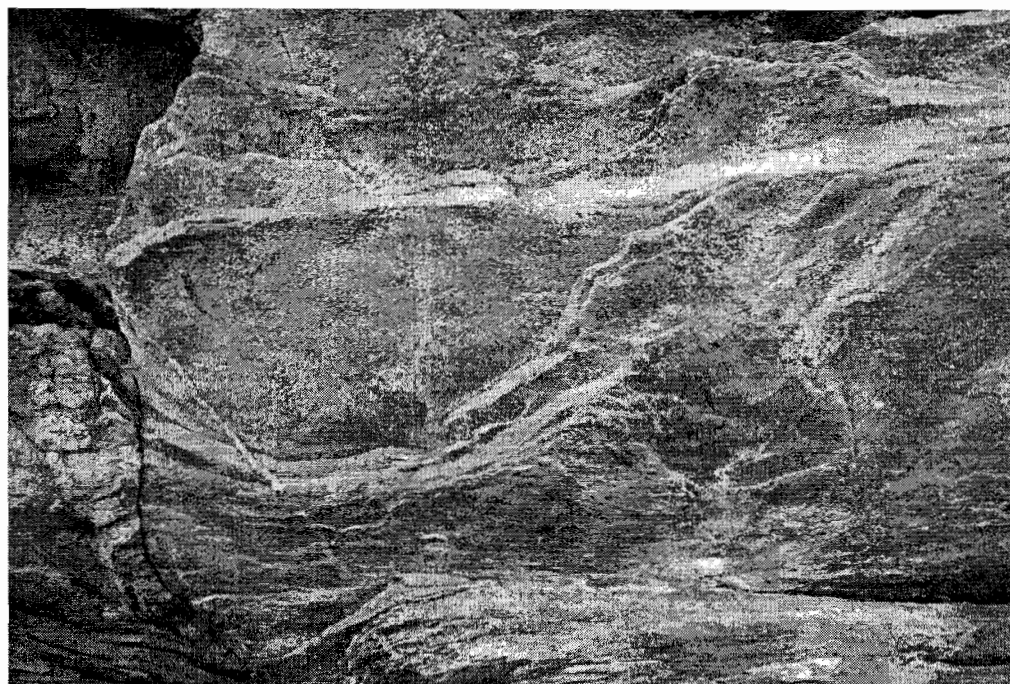


Figura 44: Paineis de pinturas do sítio Marmeleiro.

Os grafismos identificados foram figuras antropomorfas e grafismos não reconhecíveis. Foram ainda encontrados lascas em silexito na superfície da área interna do abrigo e nas imediações do sítio.

O sítio Toca do Tatu também é um abrigo sob rocha, próximo a um riacho, situado nas coordenadas geográficas 06° 32' 00,4" S e 36° 33' 18,2" W (**Figura 45**).

O painel de pinturas existente está bastante deteriorado verificando-se apenas alguns vestígios na cor vermelha. Alguns grafismos constituem-se, de vestígios de figuras antropomorfas, com características da Tradição Nordeste, subtradição Seridó (**Figura 46**).

Existe uma área com sedimentação no abrigo que pode permitir novas informações arqueológicas na região, principalmente no que se refere aos sítios com pinturas rupestres.



Figura 45: Vista geral do sítio Toca do Tatu.

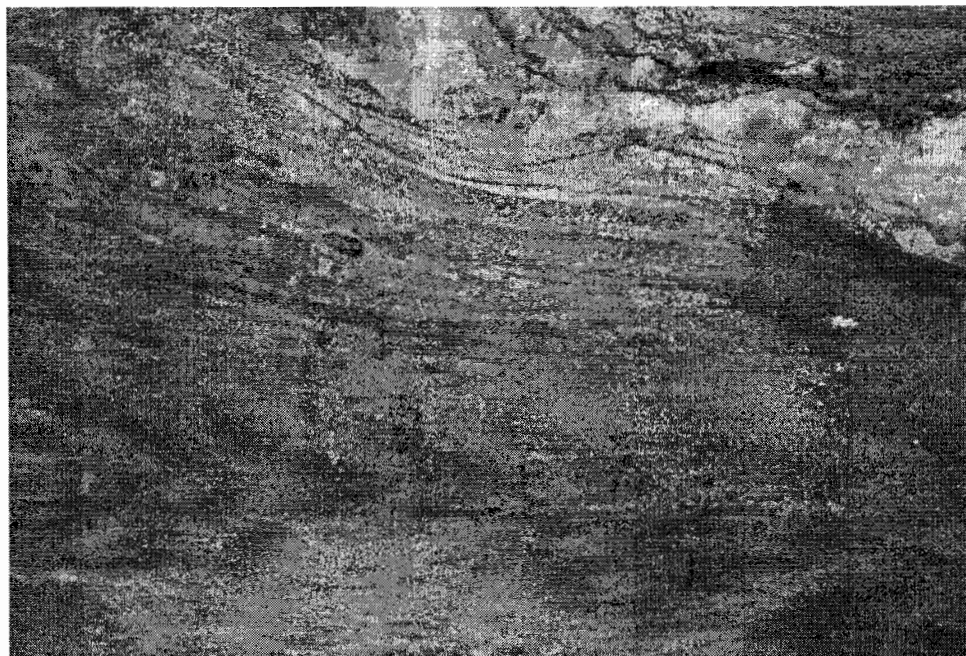


Figura 46: Vestígios picturais do sítio Toca do Tatu.

Considerações Finais

A morfologia do abrigo Casa Santa é constituída de diferentes resistências, ocasionadas pela composição da rocha. A ação do intemperismo físico-químico, com áreas predominantemente marcadas pela erosão pluvial e a constante variação térmica na área causam o desprendimento de placas em várias partes da parede do abrigo. Por outro lado, o constante processo de transporte de sedimento, resultante da erosão, dificultou tanto a consolidação dos pacotes sedimentares quanto a conservação dos vestígios arqueológicos.

A proximidade dos painéis de pintura do conjunto de vestígios materiais encontrados e a tipologia dos mesmos, constituída de lascas de debitage e fragmentos de ocre, indicam que as atividades realizadas nesse sítio estavam mais relacionadas com a prática gráfica. A ausência de vestígios de restos alimentares e a presença de fragmentos de ocre, no contexto da estrutura de fogueira, aponta para uma possível associação desta com a realização das

pinturas. É importante salientar o pouco volume de sedimentação na área da fogueira, assim como o resultado das primeiras análises, os quais não permitiram identificar marcas de utilização nestes ocre.

As amostras de carvão encontrados na fogueira foram encaminhadas para datação radiocarbônica no Laboratório de Geocronologia do Instituto de Química-Física Rocasolano, Espanha. Os resultados obtidos permitirão uma melhor avaliação do contexto arqueológico e cronológico do Sítio Casa Santa, inserindo-o no contexto de ocupação da área arqueológica do Seridó.

Em relação à conservação das pinturas rupestres é importante ressaltar a necessidade de medidas de proteção e conservação. Para o controle dos efeitos do intemperismo físico, químico e biológico se faz necessário considerar as possibilidades de intervenção no sítio. A princípio, devem ser realizadas limpezas sistemáticas dos sedimentos depositados na parede do sítio e em seguida a construção de estruturas e barreiras de contenção ou desvio das águas pluviais e da ação eólica.

Gabriela Martin

Coordenadora do Projeto Seridó, Professora da Pós-graduação em Arqueologia da UFPE.

Cláudia Oliveira

Professora da Pós-graduação em Arqueologia da UFPE.

Adrienne Costa

Doutoranda da Pós-graduação em Arqueologia da UFPE.

Demétrio Mutzenberg

Mestrando da Pós-graduação em Arqueologia da UFPE.

Vivian Sena

Mestranda da Pós-graduação em Arqueologia da UFPE.

Jaime Mendonça

Professor do departamento de Cartografia da UFPE.

Lucila Borges

Professora do departamento de Geologia da UFPE.

Ricardo Pessoa

Professor do departamento de Geologia da UFPE.

Carlos Rios

Mestrando da Pós-graduação em Arqueologia da UFPE.

Lucileide Tavares

Mestranda da Pós-graduação em Arqueologia da UFPE.

Marcela Valls

Mestranda da Pós-graduação em Arqueologia da UFPE.

NOTAS

¹ Entende-se como área arqueológica, uma unidade territorial com um número expressivo de sítios pré-históricos. Trata-se de uma categoria de entrada para o início e continuidade sistemática de uma pesquisa. Os sítios devem ser escavados exaustivamente, buscando-se o conhecimento pré-histórico de todo um nicho ecológico, dos homens que o habitaram, seus meios de sobrevivência e estratégias de adaptação. Com o estudo sistemático desses sítios arqueológicos chega-se à categoria de saída definida como enclave arqueológico, na qual são delimitados o contexto cultural e cronológico da ocupação humana na área. (MARTIN, 2003, 2006).

² Unidade gráfica constituída por conjuntos de traços que não permite nenhum reconhecimento do muno sesível (PESSIS, 2002:30)

³ A escavação foi realizada por níveis artificiais de 10 cm, ocorrendo em alguns níveis mais de uma decapagem, em função da presença de vestígios arqueológicos.

⁴ Análises realizadas nos laboratórios de mineralogia do Centro de Tecnologia e Geociências (CTG) e no Departamento de Física da UFPE

⁵ A análise do material lítico foi realizada sob a supervisão do doutorando Onésimo Jerônimo Santos, bolsista da CAPES.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELUCCI, D. A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia. In: MATEUS, J. & MORENO-GARCÍA, M. (eds.) **Trabalhos de Arqueologia 29**. Paleoecologia Humana e Arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da cultura. Lisboa, 2003.

BARKER, Philip. **Techniques of Archaeological Excavations**. London, 1977.

COSTA, Adrienne. **As representações zoomórficas na subtradição Seridó, RN**. Dissertação de Mestrado em História, área de concentração em Pré-história do Brasil. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia**. Editora Edgard Blücher, São Paulo, 2003.

FONTES, Mauro Alexandre Farias. **A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do Seridó (RN)**. Dissertação de Mestrado em História, área de concentração em Pré-história do Brasil. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 2003.

GOLDBERG, P., HOLLIDAY V. & FERRING, R. **Earth sciences and archaeology**. Kluwer Academic / Plenum Publishers, New York, 2001.

LEAL, Iara R.; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria Cardoso da. **Ecologia e conservação da caatinga**. 2ª ed. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2005.

MARTIN, Gabriela. Arte rupestre no Seridó (RN): o sítio Mirador do Boqueirão de Parelhas. **Clio-Arqueológica** n.2. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 1985, p. 81-95.

MARTIN, Gabriela. O cemitério pré-histórico "Pedra do Alexandre", Carnaúba dos Dantas, RN. **Clio-Arqueológica**, v. 1, n.11. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 1995-96, p. 43-57.

MARTIN, Gabriela. Pessis, Anne-Marie. Área arqueológica do Seridó, RN/PB. Problemas de conservação do Patrimônio Cultural. I Reunião da Associação Brasileira de Arte Rupestre-ABAR. **FUMDHAMENTOS II**. Recife, 2002, p.187-209.

MARTIN, Gabriela. Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre do Seridó, RN. **CLIO-Arqueologica**, nº 16. Ed. Universitária da UFPE, 2003, p.11-32.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 3ª ed. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 2006.

MARANHÃO VALLE, Raoni. **Gravuras pré-históricas da área arqueológica do Seridó potiguar/paraibano: um estudo técnico e cenográfico.** Dissertação de Mestrado em História, área de concentração em Pré-história do Brasil. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MUTZENBERG, Demétrio; TAVARES, Bruno; CORRÊA, Antônio Carlos. A influência dos controles estruturais sobre a morfogênese e a sedimentação neógena na bacia do Rio Carnaúba (RN) e sua aplicação aos estudos geoarqueológicos do Seridó. **Clio-Arqueológica** n.19, vol. 2. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 2005, p. 112-125.

PARENTI, Fábio. **Le gisement quaternaire de la Toca do Boqueirão da Pedra Furada (Piauí, Brésil) dans le contexte de la préhistoire américaine. Fouilles, stratigraphie, chronologie, évolution culturelle.** Thèse de Doctorat, Ecole des Haute Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1992.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens da Pré-história. Parque Nacional Serra da Capivara; Images de la Préhistoire. Images from Prehistory.** Fumdam-Petrobrás, São Paulo, 2003.

PESSIS, Anne-Marie. Do estudo das gravuras rupestres no Nordeste do Brasil. **Clio Arqueológica** nº 15. Editora Universitária da UFPE, Recife, 2002, p. 29-45.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul. **Arqueología: teorías, métodos y práctica.** Ediciones Akal SA, Madrid, 1993.

STORER, T. I. E; USULGER, R. L. **Zoologia geral.** 3ª ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1977.

TORRES, Ana Catarina. Estudo dos pigmentos do sítio Pré-histórico Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. **Clio-Arqueológica**, v. 1, nº 11. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 1995, p. 59-70.

VIDAL, Irma Asón. Projeto Arqueológico do Seridó: escavações no sítio Pedra do Chinelo, Parelhas, RN. Primeiros resultados. **CLIO-Arqueologica**, nº 15. Ed. Universitária da UFPE, 2002, p.157-171.